



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2022

ENSINO DE LEITURA FILOSÓFICA NA ESCOLA BÁSICA: IMPLICAÇÕES DA RELAÇÃO PROFESSOR E ESTUDANTE

Fernanda Evangelista Souza¹; Fabrcício Oliveira da Silva²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Química, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: beatrizdivinoo@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: fosilva@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Leitura filosófica. Estratégias de ensino. Relação professor e estudante

INTRODUÇÃO

O ensino de filosofia no Ensino Médio tem sido problematizado por alguns estudiosos, tendo em vista o fato de que ensinar filosofia implica ensinar modos de desenvolvimento de leitura e de produção do conhecimento. Assim, é preciso pensar sobre a especificidade dessa disciplina, sobretudo no que tange às didáticas de ensino de leitura nesse campo. A filosofia, segundo Jean-François Lyotard (1993, p.117), não é um terreno recortado na geografia das disciplinas. “E se não há conteúdos básicos e métodos fixados – como mostra Celso Fernando Favaretto (1995) – o que deve ser considerado o mínimo necessário para realizar uma suposta especificidade em termos de seu ensino?”

Tem-se popularizado a ideia de que ensinar filosofia significa mobilizar o outro a aprender, assim como defende Freire (1996) quando preconiza que o ensino não é uma transmissão de conhecimento, mas uma ação que se insurge da mobilização que o professor produz para fazer o outro aprender. O grande desafio para o docente de filosofia é, segundo Cerletti (2009), transparecer em suas aulas ferramentas que burlem a mera propagação de informação, e suscite uma mudança subjetiva. Sendo assim, o professor carece conceber vias para que os estudantes normalizem a indagação e a busca pelo saber. Diante de tal problemática, é pertinente evidenciar que esse plano visa possibilitar conhecimento sobre os modos como professores têm desenvolvido estratégias para ensinar Filosofia na escola básica. Tal conhecimento será relevante para que se possa compreender, mais precisamente, como se estabelece as relações entre professor e estudantes diante das dificuldades nas habilidades de leitura e interpretação textual, de textos da área de filosofia. Por estabelecimento de relação, buscamos entender como os professores desenvolvem suas didáticas específicas e promovem modos próprios de lidar com as dificuldades do estudante, buscando formas de superação e de inventividade para o trabalho com a leitura.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Como dispositivo de recolha de informações, elegeu-se a entrevista do tipo semiestruturada. Tal dispositivo configura-se como um dispositivo que nos permite depreender os saberes que um sujeito construiu ao longo de uma trajetória de formação ou até mesmo de vida. Esses saberes poderão servir como forma de orientação, para que as experiências que cada sujeito vivencia no ensino de Filosofia na escola básica.

Participaram do estudo dois professores que atuam no ensino de Filosofia no ensino médio. Os critérios foram definidos por duas situações: que o participante deseje e aceite participar da pesquisa e que não fosse professor já em atuação. Vale salientar, que foram realizadas duas entrevistas. As mesmas foram transcritas e foram categorizadas pelo método compreensivo e interpretativo.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

No que diz respeito, à questão norteadora desta pesquisa, a partir das narrativas dos professores entrevistados foi possível identificar o percurso pelos quais eles enfrentaram para construir suas relações com os estudantes, bem como suas estratégias utilizadas para romper os estigmas impostos à disciplina de Filosofia. Deste modo, o primeiro obstáculo identificado pela professora Hipátia está ligado diretamente às concepções postas ao longo da história acerca da Filosofia, como é possível verificar em um dos trechos em que a professora narra.

Um desafio nessa questão, processo de ensino da Filosofia, ou seja, você não ensina Filosofia, já diz Kant. Você ensina a filosofar. Então você dar aula de Filosofia dentro de uma perspectiva, dentro de um campo, onde todas aquelas pessoas estão sendo formadas, projetadas para o mercado de trabalho já traz um certo bloqueio, com relação à própria disciplina e com relação ao próprio método filosófico. Então porque filosofia no ensino médio? Será que é somente pra mais uma disciplina que eu tenho que passar para poder ter uma boa nota e avançar nos processos seletivos? Então é uma resposta um pouco complicada, mas que denota uma reflexão. Então a própria Filosofia como disciplina é colocada dentro de uma grade curricular já sofre algumas interferências dentro desse seu processo de construção, que é um método. A Filosofia é um método, não é uma disciplina, como as outras, então trabalhar a filosofia nessa perspectiva de disciplina e não como método, já é um limite que se estabelece dentro do processo de aprendizagem. Então, sofremos todas essas restrições como professores de Filosofia, como praticantes de Filosofia, mas temos essa responsabilidade de demonstrar como é que se faz a Filosofia, ensiná-los, não direcioná-los, mas provocá-los nesse processo de construção da autocrítica e da crítica, sobre o mundo, sobre a realidade. Então, já é um desafio que se estabelece dentro dessa relação professor-estudante. (Hipátia, Entrevista, 2022).

Nota-se, através da narrativa da professora, há uma complexidade em torno do ensino de Filosofia, que demanda a compreensão desse campo de estudo na educação básica. Não é uma disciplina comum, para a professora, mas um método para fazer o estudante pensar. Isso já diz muito sobre como a relação professor e estudante se estabelece nesse cenário. Assim sendo, um dos principais desafios referente a relação professor e estudante no processo de ensino de Filosofia é justamente os pressupostos impregnados a esta disciplina.

A leitura filosófica é atrelada ao movimento da escuta, que segundo Fabrinini (2005) “[..] A aula seria, assim, a ocasião para escuta conjunta do aluno e do professor, geralmente por meio de um texto no sentido da “elaboração” da linguagem e não da “aquisição de um saber”. Nesse sentido, conforme o professor Sócrates em sua narrativa considera que:

O professor deve estar preparado, ensaiar sua aula, fazê-la como um curador que organiza as mediações de aprendizagens e oportunidade para o pensamento do outro. O professor compartilha sua biblioteca

com os estudantes, interrompe o silêncio, abre a escuta e constrói roteiros com os estudantes. Relações menos assimétricas e que estimulam o estudante a ter uma relação com o saber. (Sócrates, Entrevista, 2022)

O cuidado com a aula, com o modo de arquitetar o processo de ensinagem aparece na narrativa do professor como um elemento a ser considerado, sobretudo no campo filosófico, em que as coisas não são simples com o elas parecem. Cuidar da aula, do modo como o professor vai desenvolvê-la é uma compreensão que para o professor Sócrates pode resultar no sucesso da aula, e por conseguinte, na aprendizagem da leitura e da escrita dos estudantes.

Segundo Rodrigo (2009, p.25) é indispensável “Criar mediações pedagógicas que facilitem o processo de aprendizagem; promover a transcrição para a construção da capacidade de pensar por conta própria, de modo que o estudante consiga gradativamente dispensar mediações heterônimas.”. Visto isso, Hipátia salienta que:

A estratégia utilizada, ela vem sempre se readaptando, porque se você for para uma sala de aula e levar um texto integral, por exemplo, o livro A República de Platão para os alunos, eles não recusar. Se você levar um artigo desse livro eles também vão recusar. Agora se você for com fragmento do livro eles também vão estranhar. Mas quando você leva esse fragmento do texto junto com um outro texto que pode intermediar o entendimento desse texto integral da filosofia, esse fragmento de um texto filosófico isso já facilita. Então, é sempre uma forma estratégica assim que a gente tem que trabalhar com relação às leituras filosóficas e não levar texto integral para a sala de aula sem nenhum outro suporte. Então é um pouco complicado trabalhar dessa maneira hoje em dia, trabalhando somente com os textos filosóficos. (Hipátia, Entrevista, 2022).

Tendo como base as narrativas proferidas pela a professora, é visível a sua estratégia utilizada em tentar aproximar os estudantes dos textos filosóficos. Sabemos que não é uma tarefa que possui graus de facilidades, mas o âmago da questão está no caminho percorrido desde de então pelo corpo estudantil. Os recursos utilizados para introduzir a leitura, muitas das vezes, ocasionam um desmonte da quietude e acomodação, fornecendo uma visão ampliada e crítica a respeito do conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Em respeito ao ensino de leitura filosófica, foi demonstrado através dessa pesquisa, que a mesma não é difundida apenas no campo do texto clássico dos autores da história da Filosofia, sendo assim, possível concretizar essa atividade com outros recursos escolhidos pelos professores. Esse último, por sua vez, possui o ofício de mobilizar e instigar os alunos para exercitar a reflexão e a leitura filosófica utilizando artefatos do seu próprio cotidiano.

Para tanto, é necessário tecer estratégias para manusear a leitura de forma ativa com os estudantes, além de proporcionar um novo olhar reflexivo diante da parte teórica. As estratégias, por sua vez, é um instrumento crucial no processo de ensino e aprendizagem, visto que, possibilita elaborar pistas alternativas em consonância com o ensino, permitindo assim, uma possível aprendizagem efetiva para os estudantes.

Portanto, as análises realizadas nesta pesquisa proporcionaram um conhecimento acerca de como vem se desenvolvendo as práticas de professores com leitura filosófica na

educação básica. Sendo assim, essa pesquisa traz consigo um papel fundamental em contribuir para a reflexão sobre essa temática.

Como resultado desse trabalho destaco, também, a possibilidade de eu como estudante produzir relações de aprendizagem com professores de Filosofia que já atuam na escola básica. Para mim, na condição de ser estudante da licenciatura Filosofia tal relação foi bastante significativa e formativa. Ademais destaco como eu me tornei com a experiência da iniciação científica, aprendendo a pesquisa, a sistematizar dados, a fazer leituras e imersão num campo, antes para mim, desconhecido. Os desafios não foram poucos, mas as aprendizagens também não o foram.

REFERÊNCIAS

GALLO, Silvio. **Metodologia do Ensino de Filosofia: Uma didática para o Ensino Médio**, Campinas, SP: Papirus, 2012.

KOHAN, W. O. **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

RODRIGO, Lúcia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**- Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SIBILIA, Paula. **A escola no mundo hiperconectado: redes em vez de muros?** Matrizes,

São Paulo, ano 5, n. 2, p. 195-211, 2012.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico** [tradução Ingrid Muller Xavier]- Belo Horizonte: Autêntica.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

SILVEIRA, D.T. CÓRDOVA, F. P. **Métodos de pesquisa** / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil –UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS– Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BORUCHOVITCH, E. **Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional**. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre: UFRGS, v. 12, n. 2, p.361-376, 1999.

MONEREO, C. **Las estrategias de aprendizaje en la educación formal: enseñar a pensar y sobre el pensar**. Infancia y Aprendizaje, Cerdanyola del Vallès, Spain, v. 50, n. 51, p. 3-25, 1990.